

A aparecer brevemente:

A MONARQUIA

E O

OPERARIADO

POR

GEORGES VALOIS

CUJOS DIREITOS EDITORIAIS PARA PORTUGAL
FORAM CEDIDOS ÀS

Juventudes Monarquicas Conservadoras

Tradução

DE

FERNANDO CAMPOS

COM UM PREFACIO DO

Conselheiro Ayres de Ornellas

Todo o trabalhador consciente deve ler A MONAR-
QUIA E O OPERARIADO, de Georges Valois, obra
magnifica que as JUVENTUDES MONARQUI-
CAS CONSERVADORAS vão editar.

UM OPERARIO

ANARQUIA

OU

MONARQUIA



EDIÇÃO

DAS

JUVENTUDES MONARCHICAS CONSERVADORAS

LISBOA - 1923



UM OPERARIO

Carta de Amador
ANARQUIA

OU

MONARQUIA



EDIÇÃO

DAS

JUVENTUDES MONARCHICAS CONSERVADORAS

LISBOA - 1923

INTRODUÇÃO

a) Também somos sindicalista!

Com o título: «Organização Social Sindicalista», e a epigrafe: «Subsidios para a discussão das teses sob este título, no 3.º Congresso nacional operario», apareceu impresso, ha tempo, um folheto dumas 130 páginas, editado pela Comissão Organizadora do referido congresso que foi levado a efeito pela Confederação Geral do Trabalho Portuguesa. Esse folheto, alem do interesse que desperta um estudo sobre organização social publicado pelos organismos operarios, tem ainda o especial interesse que lhe vem do facto das teses nele contidas terem sido aprovadas na generalidade no 3.º Congresso nacional operario que se realizou em outubro de 1922 na Covilhã. O aludido trabalho representa portanto o pensamento duma grande parte do nosso proletariado sobre o problema economico e social, o que lhe dá uma importancia que não é licito desconhecer.

Não somos daqueles que entendem que o movimento operario em Portugal, que está tomando incontestavel desenvolvimento, merece um simples encolher de ombros ou uma carga da guarda republicana, quando os trabalhadores, reunidos em comicio, querem fazer ouvir a voz das suas reivindicações. Isso é proprio dos espiritos democratas, inimigos naturais do proletariado. Muito pelo contrario, pensamos que o problema social da organização do trabalho deve merecer primacial atenção a sociólogos e governos, pensamos que as pretensões dos que labutam nas oficinas e nas fabricas devem ser atendidas pelo poder central, contra o arbitrio e o abuso de proprietarios e patrões; pensamos finalmente (e agora pasmem, ó liberais e burgueses desorientados que pululam neste desventurado país!), não *apesar* de sermos monarchicos, mas

exactamente *porque* somos monarquicos, que a solução do problema social está na execução da doutrina sindicalista.

Operariado português! Somos como vós, *sindicalistas*, queremos, como vós, o triunfo do *Sindicalismo*, e como trabalhamos, os dias inteiros, como vós trabalhai, pretendemos obter, como vós pretendeis, o maximo de produção, o maximo de proventos, com o minimo esforço.

E' esta uma lei humana. Não somos, como os democratas (e vós hoje já o sabeis melhor do que ninguém) *mistificadores*. Pretendemos, como vós, esse fim legitimo e real; a produção organizada de modo que se obtenha o maximo com o minimo. Isto é o bem-estar de todos e o nosso bem-estar. Meio de se obter esse fim? O mesmo que vós preconizais; a organização sindicalista. Encontramo-nos a combater, portanto, juntos, a desorganização e a desmoralização do Estado-burguês. O que nos separa, pois? Uma *nuvem* talvez que perdura no vosso espirito.

b) No sindicalismo pela Revolução ou pelo Rei?

Isto posto, e desfeitas as desconfianças que pudessem subsistir pelo facto de nos termos declarado *monarquico*, o que os aventureiros republicanos e os falsos dirigentes dos interesses do proletariado, conluídos com os primeiros, querem fazer ver ao operario ser sinonimo de "despota", de "*inimigo do povo*", de "*burguês*", vamos expôr o nosso pensamento aos trabalhadores portugueses da seguinte forma:

1.º — Analisaremos a concepção filosofica que inspira o folheto "*Organização Social*" e que provavelmente encontra eco no espirito da maior parte dos operarios sindicados.

2.º — Mostraremos quais as nuvens que trazem grande parte do proletariado português divorciado do movimento nacionalista e tradicionalista onde as suas aspirações encontram afinal a mais satisfatoria realização.

3.º — Estudaremos os multiplos pontos de contacto em que as reivindicações operarias e os principios monarchicos se confundem, e como, em ultima analise, desfeitos os "*mal-entendidos*" alimentados pelos falsos tribunos da plebe, pelos verdadeiros inimigos do povo, nacionalistas-monarquicos e operarios-sindicalistas não só desenvolvem a mesma acção negativa contra a democracia, mas devem combater juntos pelo triunfo da mesma solução positiva, unica base sobre a qual o trabalho pode firmar os seus direitos e conquistar as nobres posições a que tem jus.

Numa palavra, vamos provar que, sindicalistas como vós, pretendemos atingir a mesma organização sindicalista, com a di-

ferença de que, enquanto vós-outros entendeis que tal desideratum se consegue apenas pela *Revolução*, nós estamos convencidos de que essa organização sindical só é possivel dentro da *Monarquia*.

O problema fica posto portanto da seguinte forma: ao sindicalismo pela Anarquia ou pela Monarquia? pela Revolução ou pelo Rei? E' o que vamos ver.

I

O pensamento da C. G. T.

a) Organização Social Sindicalista

Compõe-se o folheto, base da discussão do Congresso da Covilhã, de duas partes essenciaes: a) a apresentação da organização anarquica da sociedade como forma para a qual se tende e pela qual o operario deve lutar; — b) o esboço da organização do trabalho, em sindicatos profissionais, como aspiração ultima do proletariado internacional e constituição bastante para a existencia progressiva da Humanidade.

A tése que se contem nos primeiros capitulos é esta:

O individuo não pode viver isolado, daí a sociabilidade; mas como a humanidade se vai aprefeioando sempre, numa aspiração libertaria, nessa sociabilidade deixam de ser necessarias as fronteiras, os exercitos, os Estados, as proprias organizações familiares, invenções do homem que tendem a desaparecer, para ficarem existindo apenas trabalhadores das varias profissões, com competencia para se governarem e dirigirem a si proprios e dispensando portanto chefes politicos, administrativos ou tecnicos que só servem para os explorar. Quem impede este estado ideal da humanidade? A burguesia. Como conseguir atingi-lo? Pela revolução social. Aqui está a sumula da parte filosofica do livro.

b) A Ilusão do Progresso

Vamos a ver o que ha aqui falso e o que ha verdadeiro.

Logo a pag. 4 o autor fala na *perfectibilidade da especie*. E' este, como vimos acima, o ponto de partida para toda a concepção anarquista da sociedade. E a ideia repete-se pelo folheto adiante. Estamos em face duma "*ideia feita*" muito em voga,

dum conceito muito simplista, mas duma afirmação que carece em absoluto de base científica. O autor do folheto fala desdenhosamente em "metafísica", diz, á meude, empregar o "método historico", usar apenas "da observação e da experiencia", ser o seu Ideal "cientificamente fundamentado", etc. (pag. 7, 8 e 17), mas parte logo duma afirmação meramente metafísica, gratuita, que a sciencia hoje repele, e que a observação e a experiencia estão longe de virem a comprovar. "Metafísica criminosa" lhe chama o grande mestre do sindicalismo francês Georges Valois. Esse "progresso da humanidade" nega-o toda a filosofia positivista desde o seu fundador, Augusto Comte, que afirmou o *progresso não ser outra coisa de que a Ordem social*. E para que não fique no espirito dos sindicalistas que nos leem a impressão de que nos acolhermos apenas aos depoimentos dos "reaccionarios", invocaremos uma das primeiras figuras se não a primeira figura do sindicalismo mundial, socialista e republicano, Georges Sorel, morto ha bem pouco tempo e cuja mulher não quiz sobreviver ao admiravel companheiro da sua vida, matando-se em seguida. Georges Sorel dedicou um livro seu á tarefa de desfazer no espirito dos operarios esse erro base de tantos erros fatais: "As Ilusões do Progresso".

Dêmos agora a palavra á grande competencia que é Georges Valois, sacerdote maximo do sindicalismo moderno, o qual desfazrá no espirito dos trabalhadores portugueses as ultimas ilusões:

"E' preciso que se saiba que, se os sindicalistas revolucionarios querem a Revolução que aniquile o Exercito, o Estado, a Igreja, e lhes entregue as riquezas e os meios de produção, não é porque os movam grandes appetites, nem porque desenvolvam falsos raciocinios sobre a hierarquia das funções. Aceitaram ou criaram essas quiméras sociais porque receberam e aceitaram um prodigioso erro metafísico que lhes gerou no espirito disposições quasi religiosas. Numa palavra, acreditam no *"Progresso"*.

"A ideia do Progresso, a crença no Progresso, foi, no fim do seculo XVIII, durante o seculo XIX e na aurora do seculo XX, a mais poderosa ideia geradora de anarquia e de alienação mental. A seita dos filosofos, Turgot e o marquês de Condorcet, devem ser classificados entre os maiores criminosos. Rousseau era doido porque acreditava na bondade original do homem, mas raciocinava apenas sobre imaginações. Porém, os filosofos que inventaram o dogma da perfectibilidade humana são doidos e criminosos porque falsificam o sentido dos acontecimentos aos quais assistem e cristallisam as paixões excitadas por Rousseau em volta dum dogma que eles dizem justificado pelo passado imediato e pelo presente. Cento e cinquenta anos depois da invenção dessa loucura, soffremos as consequências dos erros metafísicos."

Estas palavras parecem escritas para responder ao autor da "Organização Sindicalista", e para prevenir os operarios portugueses que se deixam seduzir por esses erros antiquados, democraticos, prejudiciais.

Com effeito, com que fundamento podemos afirmar que a sociedade de hoje é mais perfeita que a civilização grega, por exem-

plo?, que a organização da idade-média?, que as civilizações mais desenvolvidas do Oriente? Que concepção de Arte mais elevada do que no tempo de Péricles? Que noção mais justa e equitativa do Direito do que na legislação romana, fonte inexgotavel onde os juristas de hoje em dia ainda vão beber? Que sociedade mais pura e mais sã do que a dos primitivos Cristãos? Que governo mais perfeito e mais popular do que o das monarquias medievais? E as fantasticas civilizações asiáticas: Persia, India, China?... Onde nos levaria uma discussão desta ordem!

As sociedades modificam-se, transformam-se, progridem com novas descobertas scientificas, mas, moralmente, não avançam, e sobretudo o homem, a humanidade, não estão sujeitos a essa quiméra destronada a que se chamou o *progresso indefinido*. O Progresso é uma mentira. A perfeição humana está na perfeição das sociedades a que o homem pertence, e a perfeição das sociedades não depende do Progresso, da Civilização mas do equilibrio dos seus organismos vitais, do justo e regular funcionamento das suas funções. O resto é fantasia. Portanto a Verdade, a Justiça e a Beleza, com character absoluto, a que se refere o folheto em questão (pag. 6, 7 e 11), palavrões de que tambem se serviam os governos "burgueses" que fizeram a guerra, com o fim de arrastarem as massas para a luta, são méras abstracções sem significação. Repele-os unanimamente o carácter positivo da sciencia moderna.

Desfeita esta inconveniencia que se nota na primeira parte da "Organização Social", e que conduz ás mais perniciosas conclusões seremos os primeiros a declarar que ha interessantes afirmações no livro com as quais não podemos deixar de estar de acordo, como por exemplo, o reconhecimento da lei da "capilacidade social" (pag. 4), e da teoria organicista, sem cair nos exageros biologicos do seculo passado, mas reconhecendo, com os sociologos mais modernos que a sociedade é um organismo *sui generis* que se rege por leis especiais (pag. 20).

c) A ideia libertaria é um erro democratico

Foi partindo destas bases, em parte aceitaveis em parte fantasiosas, que o autor do folheto architectou a sua doutrina sindicalista. É perturbado pelas *nuvens* de que havemos de falar mais tarde, "esquece-se" do metodo historico que se propôs aplicar, não se limita a empregar como unicos meios scientificos a observação e a experiencia, vóá das realidades positivas a concepções meramente metafísicas, e faz afirmações absolutamente falhas de verdade como esta:

"O caminhar da humanidade tem sido na directriz de uma maior e cada

vez mais intensa libertação e emancipação dos indivíduos. A tendência para a sujeição, para a submissão tem sucessivamente cedido o lugar a uma tendência para uma progressiva e dignificadora independência. O despotismo, a tirania sangüinária por um lado e o servilismo canino por outro, tem pouco a pouco batido em retirada perante a dignificação intensiva dos indivíduos, á medida que neles tem surgido a purificadora consciencia social, — a consciencia dos direitos e dos deveres sociais. A' tendência autoritaria primitiva, ao principio da autoridade, tem correspondido como contrario e incompativel com ela, a tendência libertaria.

“Analisando as sociedades, vemos que o regime autoritario tem perdido e perde constantemente forças e a sua acção limita-se, restringe-se cada vez mais, e que a par dessa atrofia, dessa fraqueza, dessa morte cheia de desespero, aumenta progressivamente e aproxima-se cada vez mais a organização social baseada na livre contratualidade dos individuos nascidos nas circunstancias sociologicas do momento e do espaço, em que a intervenção estranha, autoritaria é nula ou se anula.”

Ora vamos a ver se os factos historicos e sociais nos confirmam estas impressionantes afirmações.

Primeiro teremos que observar se essa “cada vez mais intensa libertação” se confirma, depois teremos que analisar se a esses factos consumados corresponde uma melhoria de situação geral e uma conquista real para o operariado. Se assim fôr, o caminho a seguir é o apontado no folheto da C. G. T. Portuguesa. Mas se não fôr, teremos que buscar outro porque a doutrina aprovada no congresso da Covilhã falseia a sua missão. Ora onde está essa “cada vez mais intensa libertação”? onde está essa “livre contratualidade dos individuos”? Analisando serena e imparcialmente os factos, nós vemos os antigos senhores que governavam os povos e os conduziam a situações culminantes, serem substituídos, ha um seculo para cá, por dois elementos que, tendo os defeitos daqueles, na injustiça, na ferocidade ou na ineptia de alguns dos seus actos, não tem nenhuma das qualidades que eles tinham, e estas são; a legitimidade com que exerciam o poder, o interesse que punham nesse exercicio em acertar e em tornar feliz o seu povo porque o interesse deste confundia-se com o do chefe (perpetuidade, hereditariedade e responsabilidade), a competencia com que em régra procediam devida em grande parte á herança, preparação e continuidade do mando, etc. Os dois elementos que são os tiranos das sociedades modernas chamam-se o Parlamento e o Ditador. Não é possível recordar aqui o vasto repertorio de condenações que se levantam desde Spencer e Stuart Mill, que o folheto do C. G. T. cita e louva, até aos modernos sindicalistas que condenam formalmente a Democracia. Basta-nos recordar aqui os crimes do parlamento da Republica francesa cometidos contra o proletariado por instigações dos chefes radicais, e a acção do dictador português desta republica hibridamente burguesa chamando aos operarios portugueses “suciaistas” e não “socialista” e conde-

nando com a sua proverbial incompetencia e ignorancia, o sindicalismo como um manejo medieval dos padres !!! Havemos de tornar a falar neste episodio. Por agora contentemo-nos em comparar o grotesco Pombal do seculo XX, simbolo das modernas reivindicações libertarias, empunhando o celebre chicote de nove rabos, como eunuco da Persia, com a protecção que os nossos reis dispensavam ao antigo proletariado nas Corporações, na “Casa dos 24” e no braço do terceiro Estado. Onde estão as liberdades hoje? Na proibição de reuniões e comícios operarios, dissolvidos á espadreira? No enxovalho ás crenças religiosas e proibição de as propagar? Nos roubos feitos ao dinheiro do povo com a gazúia dos T. M. E., da Exposição do Rio, dos Bairros Sociais? E, indo mais longe, a emancipação dos individuos estará nesse caminhar de exercitos e exercitos para os campos de batalha sob pena dos desertores serem fuzilados? Ou no governo despótico de Lenine que acaba de mandar fuzilar mais 40 operarios? Onde está pois a libertação e emancipação dos individuos? Que perniciosa quimera! Mas vamos até ainda a supôr que essa “progressiva e dignificadora independencia” se observa e que hoje não ha escravos como outr’ora, isto é que “Democracia” corresponde a “Emancipação” Seria isso um bem para o povo e para o operario em especial? Cremos que resposta suficiente se contem no proprio folheto em questão, quando, a proposito da “mentira constitucional monarchico-republicana” (pag. 58), o autor estigmatiza “o justo descredito em que tem caído a iniqua justiça burguesa, o desonesto Estado, os ministros, cretinos ou vendilhões, os escandalosos parlamentos, as desmoralizadoras eleições”. E’ verdade que o fez tentando provar que “os poderes vão perdendo a sua força autoritaria”; mas se a situação presente é tão triste para a humanidade, em que melhorou esta em 10 mil anos de existencia?... Pelo contrario, antigamente não havia “iniqua burguesa, nem escandalosos parlamentos, nem desmoralizadoras eleições”. O que prova que as ideias semi-libertarias do seculo passado vieram agravar a situação da pobre humanidade. Nada nos autorisa a esperar que um regime “libertario de todo” seja um céu-aberto, tanto mais que a tentativa que se está realisando na Russia deixa-nos entrever sem contestação que os chefes revolucionarios á solta se transformam nos mais ferozes burgueses passando a tratar os seus antigos camaradas como escravos. Obtem-se apenas um novo aspecto do erro democratico e nada mais.

Este é o «lait-motif» do folheto tése da Confederação Geral do Trabalho. A ideia libertaria; a aniquilação do Estado, os sindicatos proficionais organismos unicos na vida da humanidade, e portanto o individuo governando-se a si proprio sem autoridade nem sanções. «Onde ha autoridade ha sujeições em nome da força

bruta, e não pode haver civilização, porquanto o individuo civilizado é aquele que procede bem livremente, pela sua consciencia e não obrigado. Onde ha sanção não ha moral» (pag. 58).

E' este e não podia ser outro o caminho traçado por aqueles que creem ou fingem crer no «progresso indefinido» da humanidade, para se chegar ao sindicalismo, ultima aspiração do homem que trabalha e que se quer emancipar. Os homens que assim pensam são portanto uns revoltados contra o presente, uns revoltados contra as outras classes sociais que pensam doutro modo e ás quais não reconhecem o direito de existir.

E o meio rápido e eficaz de atingirem o seu desideratum é pela Revolução Social. «Não é com órgãos politicos — chamem-se eles como se chamarem — que teem apenas um acção autoritaria e por conseguinte, *de fora para dentro* que se ha de fazer a Revolução Social. E' com os *órgãos naturais* que constituem a propria natural engrenagem social, com os órgãos que constituem, que são os alicerces da propria sociedade, que atuam *de dentro para fora* e de baixo para cima que a Revolução Social se realizará, se generalizará, contra todas as ligações e coligações reaccionarias, porquanto, então a sua acção é de harmonia com as leis naturais que presidem á criação, organização e desenvolvimento das sociedades e que a Socioiogia formula».

(pag. 98-)

Não nos deteremos mais tempo a observar conclusões que caem como um castelo de cartas desde o momento que se lhes retire a base que as sustem de pé: — a Ilusão do Progresso como lhe chama Sorel, essa mentira que embora os sindicalistas revolucionarios condenem a Democracia, é, como vimos, uma mentira nitidamente democratica.

d) Esboço de organização social

Aqui acaba a primeira parte do livrinho que vimos analisando, e á qual o seu autor chama «princípios ideologicos e justificavos do *Sindicalismo*».

A segunda parte é um esboço esquemático da organização social. Segundo ele, a unidade constitutiva do sistema sindicalista é o *sindicato profissional* que se subdivide em *conselhos de officina e de fabrica*. Os sindicatos congéneres obedecem a um organismo superior que é o *sindicato de industria*. Estes, agrupados para a luta contra os patrões, constituem as *federações de sindicatos*. Mas os sindicatos duma mesma região, embora de industrias diferentes precisam de ter intimas relações entre si para satisfazerem as necessidades da vida. Formam então a *união dos sindicatos*. «Cabe-lhes tambem organizar a repartição e consumo das utilidades entre

os sindicatos, regulando a sua distribuição de harmonia com as necessidades da comunidade». Finalmente, como órgão que coordene e harmonize todas as funções e energias dos varios sindicatos no sentido do bem geral, do Idial comum, aparece a *Confederação Geral do Trabalho* que o folheto define: — «O superorganismo essencial da classe, de luta e para a luta da classe trabalhadora contra a classe patronal, contra toda a burguesia, numa palavra contra o Estado! A Confederação Geral do Trabalho é o organismo de natureza Libertaria que a previsão sociologica indica como devendo substituir o Estado, por difinição, autoritario e imoral (sic). E como «derradeiro superorganismo que se identifica com a propria humanidade, constituído pela associação de todas as Confederações Geraes do Trabalho», surge a *Internacional Sindicalista dos Trabalhadores*.

e) O verdadeiro sindicalismo

Aqui está o quadro côr de rosa que o autor da «Organização Social» nos apresenta, a nós operarios, como a realização do Idial da humanidade livre e consciente, que lá pelas suas contas não deve vir longe...

«Abominamos as fronteiras—diz-nos o sociologo da C. G. T.—por considerarmos o Estado uma instituição profundamente artificial» (pag. 110), e não vê que toda esta bela fantasia assenta sobre a areia movediça de certas ilusões, a que chama verdades scientificas, e de certas paixões sectarias que não podem passar sem a devida correcção.

«Abominar as fronteiras!» Que quer isto dizer? As fronteiras existem desde que existe humanidade. As fronteiras são o limite fisico dessa personalidade real que é a Nação. Não ha que abominar, que condenar, ou que negar; ha que reconhecer. Tudo mais são afirmações *a priori* que não resistem á mais leve critica. O Estado é a nação organizada. O Estado é a coordenação dos organismos dum todo. Ha lá coisa mais *natural* do que o Estado! O preconceito democratico obscurece o raciocinio do autor do folheto libertario. Ele esquece aquilo que ao operario convem conquistar dentro das realidades, para lhe propôr uma fantasmagoria que as inteligencias dementadas dum Rousseau, dum Turgot, dum Carl Marx soberam architectar. Fantasmagoria criminosa feita de mentira e de sangue! Contra ela é preciso precaver os nossos camaradas.

Queremos o sindicalismo, sim senhores, mas o *sindicalismo possivel e benefico*, benefico para todos porque «não ha nem pode haver felicidade individual sem que haja felicidade colectiva» (ob.

cit., pag. 73). Ora como o proletario não é a unica classe que existe como o proprio autor do folheto reconhece, queremos um sindicalismo não de luta e de odio, mas de reivindicações e de colaboração. Se condenamos as confederações patronais por representarem um grito de guerra, uma ofensa aos direitos dos operarios, pelo mesmo criterio condenamos os sindicatos que representem focos de rebelião contra classes que não devem exorbitar mas que não podem deixar de existir.

A não-existencia da autoridade é uma utopia. O combate sistematico á autoridade é um crime. O homem necessita da coacção para trabalhar e da disciplina para viver. Porisso todas as ideias libertarias alem de falsas são imorais.

Não fugir a elas mas combatê-las pelo raciocinio, pela demonstração, pela evidencia, afigura-se-nos um dever. E' esse dever que nos impuzêmos para afastar muitos nos nossos camaradas duma luta aniquiladora, traiçoeira e brutal.

Desbravámos já caminho. Agora vamos desfazer as nuvens que encobrem a verdadeira estrada que conduz áquela organização operaria pela qual todos nós anciamos, para finalmente a podermos trilhar seguros da vitoria.

II

O operariado português

a) Revolucionarios e monarchicos

Acabamos de ver, em face dum documento interessante, qual o pensamento genérico duma grande parte do operariado português. Esse pensamento encontra-se ainda expresso no órgão da C. G. T. : o jornal "A Batalha", de cujos artigos se deduz que a orientação sindicalista do nosso proletariado é essencialmente revolucionaria. Estamos portanto em face dum facto consumado que seria cobardia nossa, do outro lado da barricada, negar.

Mas esse doutrinarismo comunista será o da totalidade dos trabalhadores portugueses? Não é. O trabalhador rural é anti-revolucionario porque é tradicionalista. Muitos operarios da cidade, são anti-comunistas porque são nacionalistas. E do proletariado de Lisboa, uma parte é monarchica e declara publicamente que o é. Podemos afirmar sem exagero que nas "Juventudes Monarquicas Conservadoras" (Nucleo de Lisboa) se encontram inscritos para cima de 5000 salarizados de varios officios e industrias, como: Carris de

Ferro, Moagem, Caminhos de Ferro, Construção civil, compositores de imprensa, etc. E' já alguma coisa, mas pouco, por enquanto, Por isso dizemos a maioria é revolucionaria, referindo-nos á maioria dos *organizados*. Infelizmente não possuímos ainda "Sindicatos Nacionalistas".

E assim, a maioria do proletariado organizado é comunista, é revolucionario. A maioria dos operarios portugueses que pugnam em conjunto pelas suas reivindicações, pela sua organização, imagina que esse fim só se consegue aniquilando o Estado e arvorando a "ditadura do proletariado".

Temos pois que a opinião do operariado segue dois caminhos diversos: a minoria o nacionalista; a maioria o revolucionario. Mas por muito diferentes que pareçam estas soluções, por muito contrarias que as julguem aqueles que as examinam de animo leve, ha pelo menos dois pontos que as aproximam e unem. Um é a organização sindicalista que ambos se propõem; outro é o combate á Democracia em que ambos estão empenhados.

b) Contra a Democracia

O operario moderno, quer esteja neste campo, vindo na restauração dos direitos do Rei a realização das suas aspirações, quer julgando que estas se obteem pela Revolução Social, é fundamentalmente anti-democrata. Sendo anti-democrata é anti-republicano porque a republica em geral e muito especialmente entre nós outra coisa não é do que a mais perfeita realização da Democracia.

Não precisamos ir mais longe do que ás téses do Congresso operario de outubro ultimo para demonstrarmos que os nossos camaradas do sindicalismo revolucionario são anti-democratas como nós. Basta abriremos o folheto que comentámos, a pag. 62: «Nesta evolução, nesta marcha da humanidade, não se trata do que impropriamente os politicos chamam a «*democratização*» porquanto esta palavra envolve a ideia duma soberania, da soberania do maior numero». Condenação mais formal se encontra a pag. 81: «... o operario *pulverizado* pelo liberalismo burguês, criado em 1789 em França...»; e a pag. 88: «... uma mentira que á semelhança do Estado burguês criado em 1789, pelo 3.º estado...» E finalmente a pag. 58 aparece repudiada a Democracia na sua forma constitucional e nos seus dogmas «eleições» e «parlamento»: «... reconhecida a mentira constitucional monarchico-republicana... os escandalosos parlamentos, as desmoralizadoras eleições.»

Não se pode condenar mais formalmente a Democracia, quer na sua ideia basilar: o maior numero; quer no facto historico que

a realizou: a revolução francesa; quer na forma de governo sob que se manifesta: regime constitucional; quer no organismo e na engrenagem pelos quais se move: parlamento e eleições. Todos estes fetiches o operariado revolucionário português condena; e como a Democracia impera hoje entre nós, o operariado revolucionário combate a Democracia. De resto, «A Batalha» insere violentas apostrofes contra os apóstolos da Democracia, classificando-os de «tão bons como os monárquicos». Nem poupam o chefe do Estado, antigo idolo dos operários lisboetas; e quando se realizaram as últimas eleições, o órgão da C. G. T., classificando esse acto de burla, apregoava que, abstendo-se, a vitória lhe pertencia, talvez tivesse razão...

O caso é que, depois do advento da república, o operariado se tem vindo divorciando cada vez mais desta «expressão máxima da Democracia», até formular as conclusões que «A Batalha» e o folheto nos apresentam.

Por um lado, as desilusões constantes que veem desde o encerrar da Casa Sindical, até às cargas de cavalaria na calçada do Combro; desde as mentirosas promessas dos comícios, até ao escandaloso regabofe dos açambarcadores da guerra; desde o epíteto de *sucialistas* com que Afonso Costa nos brindou, até aos vergonhosos latrocínios das obras dos Bairros Sociais. Por outro, um melhor conhecimento da doutrina sindicalista, absolutamente contrária á ideologia balófa da Democracia. Teem sido os factores que cavaram o insuperável abismo entre esta e o trabalho. E esta incompatibilidade é tão inevitável que em janeiro de 1913, vendo Afonso Costa o perigo que representava para a república o proletariado português abraçar o sindicalismo, foi ás oficinas da Imprensa Nacional fazer uma conferencia subordinada ao tema: «Catolicismo e socialismo» na qual, depois de afirmar varias falsidades, declarou que o *sindicalismo* devia ser desprezado por todos os operários porque «não é mais do que um pretexto com que os padres querem regressar ao obscurantismo da idade média»!!!

Lembram-se os nossos camaradas disto? Como pretendiam ludibriar-nos! Vejam pois como a Democracia não tolera o Sindicalismo. Também o operariado já não tolera a Democracia. Nesse campo, o abismo está cavado, o mal-entendido está desfeito.

c) A persistência dum falso preconceito

Contudo não queremos ir mais além da verdade. É a verdade é esta: o trabalhador português, que não é monárquico nem republicano, isto é, que não é nacionalista nem democrata porque é sindicalista libertário, prefere contudo viver em Democracia

a viver em Monarquia. Por um lado, será porque a Democracia é regime mais *fraco*, que os deixa preparar melhor a Revolução, mas por outro, e sobretudo, é porque no seu espirito persiste a ideia de que a Democracia, a república, é um estadio intermédio para a organização sindicalista, visto que esta preconiza a ausência de autoridade, e a Democracia é a *dissolução* da autoridade. Isto é, dentro da fórmula *Estado*, preferem a Democracia á Monarquia, porque a sua mentalidade enferma de preconceitos e ilusões de caracter democratico. É a metafísica do Progresso, a que atraz já aludimos.

O operário esquece-se de que o seu sistema deve visar sobretudo a realização do Sindicalismo, para obedecer a sugestões que nada justifica. A palavra «Progresso», deslumbra-o, embriaga-o. Convencem-no de que a revolução é uma consequência inevitável do progresso universal; de que é *uma vergonha* não acreditar nesse «progresso» que em tudo se revêla; pintam-lhe a vida côr-de-rosa depois da grande derrocada social; e o operário, que não sabe fugir a estas mentiras de capelista, porque os «homens de sciencia», os «mestres», os «doutores» que ele conhece e que são precisamente os tartufos e os energúmenos da Democracia, lhe dizem, para o explorar, que tudo isso é verdade, deixa-se arrastar pela ilusão do Progresso e crê firmemente na felicidade pela Revolução. É a mesma lenda de 89 em que o povo derrubou tronos e altares para em seu lugar erguer a mesa do Estado-burguês da qual só lhe dão as migalhas para lambar.

Como se fosse escrito também para os operários portugueses tentando libertá-los desse erro tão pernicioso que ora os leva a servir de degrão aos aventureiros de mais baixa politica, ora os arrasta para estereis lutas fratricidas que os envolvem em luto e em sangue, George Valois demonstra nestes termos as consequências funestas da ilusão democratica do Progresso:

«O sr. de Condorcet conduz Bonnot á morte; o seu código metafísico conduz as energias proletárias agrupadas na Confederação Geral do Trabalho á Revolução Social. Um numero importante de boas mentalidades francesas estão transtornadas pela ideia de que a revolução social é determinada pelo progresso universal, e um numero não menos respeitável de bons espiritos franceses, ao observarem este movimento absurdo, que tinham a obrigação de contrariar, tornam-se incapazes de raciocinar e de reagir porque pensam que não ha força que possa sustar o que é determinado por essa pretensa lei do mundo.

«Este é que é o centro do problema. A vontade revolucionaria é o produto duma falsa metafísica. Com cabeças em delirio e alguns milhares de cérebros doces proclamaram e aceitaram este sistema que determina os seus actos e dá ás suas acções a força da fé:

«O homem é infinitamente perfectível; as suas origens são bestiais; o progresso liberta-o na bestialidade primitiva: encaminha-o para a perfeição moral; a cada progresso moral deve corresponder a queda das instituições de

domínio creadas para conterem a brutalidade ancestral do homem; é pela aquisição das sciencias ele sai do animal; se todos adquirirem o conhecimento scientifico, a libertação será geral e absoluta: se usurpar o poder aos ricos, todos poderão receber o conhecimento total, e o progresso será apressado. Portanto é preciso fazer a Revolução social afim de realizar a vontade do universo. Então o homem será bom; nenhuma instituição será necessaria para o impedir de prejudicar o proximo, e a lei das sociedades humanas será a anarquia. Todas as funções que visam hoje ao governo dos homens serão suprimidas, e não subsistirão senão simples órgãos de administração.

«Eis a loucura metafísica que preside á acção revolucionaria. Vistes ela correr deante das multidões que aclamavam Ferrer. Vive na sede de cada sindicato, combatida todos os dias pela experiencia operaria, mas todos os dias realçada pela gente da Sorbona e pelos protectores que conta no governo, porque essa loucura é a serva dócil do Estado democratico para colocar as massas operarias ao serviço daqueles que estas julgam combater».

d) A Republica inimiga do proletariado

Se assim acontece em França onde o operario tem sido sucessivamente iludido pelos politicos da terceira republica e pelos seus falsos dirigentes a soldo da finança e dos judeus que o tentam explorar, servindo apenas os seus interesses⁽¹⁾, o mesmo se tem dado, ha 20 anos para cá, em Portugal, onde o operario vem sendo explorado para servir politicos e clientelas politicas vendidos á burguesia. Foram e são os «intelectuais» da republica quem semeou e alimenta no espirito do proletariado essa ideologia grosseira e destronada, do Progresso e da Liberdade, primeiro, apregoando mentirolos nos comicios e arrastando assim parte dos trabalhadores para a aventura de 1910; ludibriando-o constantemente e mandando-o espadeirar quando ele pretende obter aquilo que lhe prometeram. Sucedem-se os factos comprovativos do que vimos afirmando. Alem dos que eventualmente já citámos, basta lembrar os seguintes que o jornal «A Batalha» ha tempos recordou:

Quando os jornais jacobinos, hoje a soldo da alta finança, censuraram os jovens comunistas por fazerem uso de bombas, o órgão sindicalista respondeu-lhes assim:

«Entendamos-nos pois! Os senhores da imprensa burguesa sabem muito bem que a «Batalha» jamais fez propaganda da bomba; os srs. sabem que essa propaganda foi feita no tempo da monarquia pelos republicanos, possivelmente por muitos dos que hoje condenam o seu uso; sabem que a *Ilustração Portuguesa* e outras publicações vulgarizaram as suas fórmulas; sabem que o seu uso foi e é um facto nas revoluções politicas dos republicanos; sabem

(1) Veja-se em «A Monarquia e a Classe Operaria» de Valois, o que foram, alem do caso Ferrer, o caso Dreyfus, as greves de 1909 e 1910, os governos Clemenceau e Briand, etc. O proletariado constantemente explorado pelos aventureiros da democracia.

mais, que sempre que se prepara uma revolução politica os conspiradores recorrem a operarios ou simples funcionarios do Estado, para que estes as fabriquem ou para que delas usem a fim de garantirem o triunfo da sua causa, nem sempre bem intencionado sob o ponto de vista do maior bem do pais.»

Mas isto é precisamente o que diz Georges Valois na sua obra admiravel que vimos citando! A Democracia serve-se do operariado quando precisa dele, incita-o ao crime, proclama a sua ideia anarquista, e quando conseguiu o seu fim escorraça-o, censura-o, condena-o, *horrorisada* com os meios de que ele se serve para triunfar! E' o cúmulo do impudor!

Mas ha mais. O actual chefe do Estado, para ludibriar o operariado, que era necessario arrastar a fazer a republica, escreveu, no tempo da propaganda, isto: «Todavia, ha um meio de acabar, ou pelo menos de atenuar este estado de exploração capitalista: é prègar a revolta no meio das vitimas, para que elas se insubordinem. O apelo aos patrões não dá resultado. Eles são avaros e duros... O mais pratico é não ligar importancia aos carrascos e favorecer a revolta das vitimas. Meia duzia de fabricas que fossem pelos ares e uma grève mostra que paralisasse o trabalho de um momento para o outro seria um remedio eficaz. É um remedio santo...»

O grande irresponsavel que escreveu estas palavras, seria o primeiro a mandar hoje metralhar o operariado pela Guarda Republicana se este, para derrubar esta republica burguesa e imoral que o tem por simbolo, fizesse irem as fabricas pelos ares e declarasse uma greve mostra!

A grande vitima da Republica é o proletario que foi iludido, explorado por ela para a fazer triunfar e que hoje vive por ela espinhado, ultrajado e roubado em proveito duma oligarquia que suga os cofres do Estado⁽¹⁾. Porisso o proletario dos sindicatos, vive já divorciado da republica, condena já os principios grosseiros da Democracia; persiste no entanto ainda em guardar uma miragem perniciosa filha da Democracia: — aquela que Valois tão claramente lhe aponta como um erro metafisico dos filosofos da Democracia: o progresso universal e a sua consequente a Revolução.

(1) E' ver a campanha do silencio que a republica move em volta das organizações operarias portuguesas. Em parte por medo, em parte por desprezo. A Causa monarchica, pelo contrario, prefere ir ao encontro delas e reatar essa aliança, que a democracia despedaçou, entre o proletariado e o Rei de Portugal. A Causa monarchica encara o problema sindicalista de frente. A força do governo tão monarchico de Mussolini é o sindicalismo nacionalista italiano; a força do partido monarchico francês é o sindicalismo integral francês. E entre nós, a obra maravilhosa dos Reis de Portugal foi sempre impulsionada e corroborada pelas Corporações Profissionais a que bem se pode chamar o sindicalismo da Edade-Media.

Prova de que esse erro metafísico é armadilha de que se servem os políticos a soldo da finança para captarem ainda o operário, encontrámo-la há pouco tempo no porta-voz do jacobinismo-argentário, "O Mundo", pela pena dum dos mais *característicos* publicistas da fauna demagógica, cuja mentalidade de primário deve envergonhar os dirigentes inteligentes e conscienciosos da C. G. T. por se encontrarem em tal companhia. Trata-se de Mayer Garção. A propósito do movimento nacionalista de que é mentor o sr. João de Castro Osorio, e apesar de ser um nacionalismo republicano o que aquele movimento preconiza, Mayer Garção, que, como todo o bom jacobineta, tem o horror do nacionalismo, atacou furiosamente aquela ideia e escreveu estes dislates:

"Os costumes transformam-se, as ideias evoluem, a sciencia progride, a humanidade é cada vez mais livre e cada vez a animam mais sublimes premeditações. O que é eterno é o espirito da Patria, o que fica são as grandes façanhas da raça, todas na realidade servindo uma *civilização progressiva*. Este nacionalismo é belo e é grande, é o nacionalismo de nós todos. Se ha outro que pretende ressuscitar ideias mortas, costumes desaparecidos, instituições condenadas, esse nacionalismo não merece tal nome, porque representa apenas o vão esforço de *fazer parar o progresso*, como se diz que o guerreiro bíblico procurou fazer parar o sol."

A humanidade cada vez mais livre; a civilização progressiva; fazer parar o progresso! Córai de vergonha, ó camaradas do sindicalismo revolucionário! Garção, a ignorancia personificada, a mentalidade empedernida do tempo dos Gambetta, dos Lafayette, ou mesmo dos Rousseau, o jornalista que há 20 anos injuriava a burguesia e que hoje rabisca nos mais burgueses de todos os jornais — "O Mundo" e a "Capital" (!) —, a raciocinar como vós, a prégar a mesma ideologia falsa e sédica, a usar os mesmos pro-

1) Chamamos a atenção dos nossos camaradas para o seguinte facto de veras edificante. A imprensa portuguesa, que defende a republica e lhe cria uma atmosfera artificial mercê da qual esta pode ainda viver, está hoje completamente enfeudada aos monopolios, ás grandes emprezas, aos banqueiros, para que os órgãos da opinião publica os não possam atacar e para que, sustentando o regime contrario aos interesses da nação e do proletariado, o regime não seja mais do que um intermediario para políticos e argentários explorarem o povo e se enriquecerem. Como isto só é possível em democracia, onde não ha um poder central independente e moralizador, a alta finança, os burgueses sem escrúpulos são os defensores e os *sustentadores* da democracia. A republica vive exclusivamente sustentada pela grande burguesia. A imprensa republicana está completamente nas mãos dos altos traficantes. Só três ou quatro jornais vivem nobremente da dedicação dos seus correligionários, alheios a negociatas, reflectindo a verdadeira opinião publica. Quais são eles? "A Epoca", o "Correio da Manhã", "O Dia", "A Batalha". Isto é os jornais monárquicos e operários. Aqui está como dum lado estão a republica e os inimigos do povo, e do outro os trabalhadores, o proletariado, e a monarquia. Os nossos camaradas tirarão daqui a conclusão que quizerem...

cessos criminosos dos Clemenceau, dos Millerand e dos Briand! Garção acredita no Progresso; não vos envergonhais vós de acreditardes tambem?...

Para se avaliar como a republica é inimiga do proletariado e como este vive já divorciado da republica, vamos citar este episodio final:

No dia 7 de fevereiro ultimo, a policia dissolveu á espadeirada effectuando varias prisões, uma reunião de sindicalistas que se estava realizando na sede da C. G. T. No dia seguinte, "A Batalha" inseria em grossos caracteres, na *manchette*, estas palavras: "Contra semelhantes infamias perpetradas neste regime de sangue e lama lavramos indignadamente o nosso protesto energico", e, á noite um grupo de cegétistas penetrou na redacção do jornal "O Mundo", soltando ironicos *vivas* á republica. O sr. Garção mostrou-se deveras indignado com esta ofensa á sua *dama* e o órgão dos novos-ricos observava que "a agressão de que foi alvo um jornalista da "Batalha" era um banal, embora desagradavel precalço na vida de um revolucionario" e que não se lhe pode dar mais importancia do que o incidente merece.

O "Correio da Manhã", no dia seguinte, comentava:

"Pois assim será, mas não era essa a opinião do "Mundo" nos ominosos tempos monárquicos, a proposito da mais comesinha intervenção da policia em motins da vida publica, alias preparados adrede para provocar a repressão e os consequentes clamores contra os "assassinos do povo".

Então alguma cabeça rachada que resultasse do recontro não era um banal precalço da vida de um revolucionario, era um atentado monstruoso contra a Liberdade e merecia todas as maldições da Historia."

Mais sintomatico do que tudo, é, emfim, a resolução que se diz vai ser tomada de não se consentirem maçons na C. G. T., por a Maçonaria ser hoje uma instituição burguesa inimiga do sindicalismo. A republica portuguesa vive pela e para a Maçonaria. Abandonarem os sindicalistas a Maçonaria é reconhecerem que a grande inimiga do operariado é a republica, é abandonarem definitivamente a republica.

III

A "nuvem" perturbadora

a) A lição dos factos

Cremos não ser preciso dizer mais para provar á saciedade que uma *nuvem* obscurece o pensamento dos nossos camaradas da C. G. T.; que essa nuvem é de natureza democratica; que essa

nuvem é alimentada pelos políticos a sôlido da burguesia exploradora, com o fim de captarem traiçoeiramente o operariado; e finalmente que essa nuvem é o unico obstaculo que separa os trabalhadores filiados nos sindicatos revolucionarios daqueles que, sindicalistas tambem, como nós, querem conquistar esse grande beneficio para a nossa classe, ha seculos ludibriada, fortalecendo o nacionalismo e apoiando-se nos direitos tradicionais do Rei.

Essa nuvem ha-de dissipar-se no espirito da maioria do proletariado portuguez como se desfez no nosso, deixando-nos ver livremente a verdadeira solução do problema social.

Ponha o operariado os olhos na historia politica da Italia dos ultimos 5 anos. O comunismo triunfante na Russia, na Alemanha, na Austria e na Hungria, propagou-se á peninsula italiana por tal forma que muitas e importantes fabricas do centro e do norte do país chegaram a estar nas mãos de conselhos e sindicatos operarios que faziam tremular na fachada o pendão vermelho. Os governos, fracos por incompetencia ou conivencia, permitiram que os directores e os engenheiros fossem expulsos dos escritorios e oficinas e que a grande industria estivesse assim por momentos na posse exclusiva dos trabalhadores. Era a realização do sonho comunista. Mas foi tambem a sua derrota! Os operarios não souberam, não puderam pôr em pratica a sua doutrina; por toda a parte nasceu a emulação, a confusão, a insubordinação, o caos. Todos queriam mandar, ninguem queria obedecer. Sobretudo ninguem sabia dirigir e ninguem queria trabalhar! O homem era o mesmo de sempre e sem a fiscalização, a coacção, o dever imposto pela disciplina e pela hierarquia, tornava-se uma besta revoltada incapaz de produzir. Foi o desmoronar de toda a fantasia libertaria, foi o triunfo do nacionalismo. Em muitas fabricas foram os proprios operarios buscar os engenheiros e patrões porque não se entendiam no meio da anarquia que tinham estabelecido; noutras resistiram frouxamente ao retorno inevitavel da autoridade; e em todas penetrou a desilusão e a descrença, voltando-se o proletariado italiano para o sindicalismo nacionalista e racional que começou então a florescer. Só esse era viavel; só esse conduzia ás liberdades e á prosperidade da Produção util para todos.

Os sindicatos nacionalistas pululavam por toda a Italia, com eles vinha a confiança e a ordem. Era a aliança definitiva entre o Capital e o Trabalho. No grande Congresso de Milão de 1921 os sindicatos nacionalistas aderiram em massa ao fascismo que era já a força dominadora e salvadora da Italia. Nas vespas do golpe de Estado de Mussolini, o fascismo contava com mais dum milhão de trabalhadores italianos completamente desiludidos da utopia comunista. Não pode haver derrota mais cabal do sindicalismo revolucionario do que esta. O operariado de Italia é hoje a gran-

de força de Mussolini porque o fascismo é um movimento regenerador essencialmente popular. Ponham portanto os olhos nesta historia de nossos dias os trabalhadores portugueses.

b) O que seria a Revolução

Se para os libertar do erro, não bastar o quadro desolador da Russia tiranizada pela novissima burguesia judaico-bolchevista, nem o quadro vivificante da Italia redimida pelo nacionalismo-fascista, e perdura ainda no seu espirito o preconceito metafisico de que os factos não provam e que *em teoria* a Revolução social continua a ser a unica solução do problema do Trabalho, que medite então profundamente estas paginas admiraveis de Georges Valois, o grande pensador desiludido da Revolução, a quem vamos conceder largamente a palavra:

«Sindicalistas, a Revolução separa-nos. Vejamos pois juntos o que ela é.

«Consideremos este factò sem medo. Não ha motivo para terrores. Implica o incendio, a pilhagem, o assassinato? Mas a guerra provoca as mesmas desgraças e nós monarquicos não somos pacifistas. Medo de sermos esbulhados? Concebo que isso seja um motivo de inquietação para os que possuem; mas para os não-possuidores que se encontram nas fileiras monarchicas esse receio não tem valor algum, e para o autor deste estudo é absolutamente destituído de interesse. Não foram estas considerações que nos fizeram regeitar a solução revolucionaria: mas a resposta a estas duas perguntas que a nós proprios formulámos;

— *Sim ou não, a Revolução social seria um beneficio para a civilização?*

— *Sim ou não, temos interesse, nós proletarios, em fazer essa Revolução?*

A's duas perguntas respondemos: *Não*.

Porquê? E' o que nos propomos expôr; mas precisamos acentuar, antes de mais nada, afim de que ninguem se engane sobre o carater das nossas razões, que pômos de parte os argumentos sentimentais — e o interesse da classe possuidora. Se o facto de metralhar uma parte dos capitalistas e de esbulhar toda a classe burguesa tivesse como consequencia o progresso da civilização e a felicidade da classe operaria, seriamos revolucionarios e resolveríamos a questão que tortura o charlatão Jaurès: «expropriações com ou sem indemnização?», sem hesitar, pela negativa. Nesta analise das promessas revolucionarias, não nos preocupamos, nós que pertencemos á classe dos malariados, senão com o interesse da nossa classe.

A Revolução social. — Teoricamente a Revolução social, ou antes a transformação social que se espera dessa revolução, é um absurdo. Assenta sobre a ideia de que sem um poder contral independente dos individuos, nem o Estado, os individuos poderão organizar espontaneamente, mediante um entendimento, toda a produção. Ha aqui dois grandes erros, um politico, outro economico.

O primeiro não é outra coisa do que a quimera republicana. Um universitario republicano, sr. G. Lanson, definiu com precisão essa quimera que é a sua: «O respeito da lei é — e não é senão — um método de solução

pacífica das questões políticas e sociais. Em regime civilisado, todos se põem de acordo para excluir o emprego da força. *Uma cidade, um Estado é por definição um grupo de homens que renunciaram a abater pela força todas as diferenças que se elevam entre eles*. Nada histórica e logicamente mais falso. Primeiro, quando um grupo de homens faz um pacto social, põe-se de acordo não para excluir o emprego da força mas para empregarem a força, porque a paz que estabelecem, estabelecem-na *sobre* outrem. Isto é um facto histórico, mil vezes sucedido: é a formação aristocrática das cidades, e a realização de grandes movimentos sociais como o movimento pacificador da Idade-Média. Mas o que é absolutamente falso, do que não ha nenhum exemplo histórico, é da formação democratica das cidades que o sr. Lanson apresenta como uma verdade sociologica scientificamente estabelecida, e essa lei de paz não encontra demonstração em experiencia historica *nenhuma*.

Se esta teoria é historicamente falsa, não o é menos logicamente. Com effeito, se ha uma verdade scientificamente estabelecida pela biologia e pela sociologia, é esta: o individuo nunca renuncia livremente, como aliás uma nação, ao direito de fazer a guerra; e no estado de liberdade, fora de toda a coacção social, recorre a ela, não apenas para resolver os conflitos que podem surgir, mas ainda porque faz da guerra um meio de existencia.

O homem não renuncia á guerra senão constringido a isso. E, por conseguinte, quando o constringimento desaparece, o individuo, livre para escolher entre a guerra e o trabalho, regressa ao seu estado primitivo, a guerra. A Revolução social que tende a destruir o Estado, o qual é o instrumento da coacção pacificadora, na esperança de libertar o povo, leva a resultados exactamente opostos aquelles que os revolucionarios esperam que ela produza. Assim, a Revolução torna a colocar, pela supressão do Estado, todos os individuos no estado de guerra, e entrega assim os fracos, que ela julga libertar ao arbitrio dos fortes e dos homens brutais.

Economicamente, a teoria revolucionaria leva á impossibilidade da produção. E', em suma, a applicação da teoria politica republicana á vida economica é e por consequencia a corrupção parlamentar e democratica, que os socialistas da *nova escola*, sr. Georges Sorel, Edouard Berth e os seus amigos, combatem tão duramente, generalizada a toda a produção (1). Aquella teoria supõe que um grupo de produtores não-proprietarios dos materiais e dos meios de produção, e livremente associados, poderão produzir e assegurar á produção um rendimento igual, se não superior, ao da produção capitalista.

Este sistema implicaria necessariamente, nas condições da alta produção moderna que exige uma divisão extrema de trabalho, um centro de repartição de trabalho, um ou varios individuos encarregados de organizar a produção, de determinar antecipadamente a sua qualidade e quantidade, de distribuir os cargos e de manter as relações com os diferentes grupos de produtores. E' aqui que se encontra o vicio fundamental do sistema. E' evidente que estes funcionarios da produção, estes distribuidores de materias primas e de encargos, deverão ser os trabalhadores do grupo que possuirem mais altas qualidades de organização e maior competencia. Ora, por que medo de selecção haviam de ser recrutados?

(1) «A experiencia mostra que, em todos os países onde a democracia pode desenvolver livremente a sua acção, desenvolve-se a corrupção mais escandalosa, sem que se chegue a julgar útil dissimular as suas traquibérnias: o Tammany Hall de Nova-York foi sempre citado como o tipo mais perfeito da vida democratica, e, na maior parte das grandes cidades, encontram-se politicos que não desejam senão seguir as pisadas dos seus colegas da America. A democracia é o país sonhado pelos financeiros sem escrúpulos.» G. Sorel, *Reflexões sobre a violencia*, p. 215-217.)

O principio exige que pelo modo democratico, a eleição, isto é, que os menos capazes, os menos competentes, designem os mais capazes, os mais competentes. Eis o primeiro absurdo e o primeiro perigo. De facto, sabe-se que a competencia e a capacidade dum homem não se podem de modo algum provar senão pela experiencia, e por uma longa experiencia. Ora, os produtores assim associados não teriam nem tempo nem os recursos necessarios para longas experiencias, e se tinham que alegar os seus directores e proceder em seguida, e por periodos mais ou menos longos, á experiencia das suas capacidades, acabariam rapidamente por dissipar materias primas e esforços.

Mas ha mais: é preciso ver que os «directores» deveriam olhar pela boa execução do trabalho, *fiscalizar o trabalho*, isto é, velar por que cada um fornecesse o maximo de produção. Segundo perigo, porque cada produtor, ao encerrar esta necessidade, daria o seu voto áquele de quem esperasse uma fiscalização muito indulgente para a sua preguiça, e a produção seria assim diminuida.

Terceiro perigo: no centro da produção estariam os recursos colectivos que os mais preguiçosos do grupo cobiçariam. Eis o perigo democratico, a demagogia penetrando no proprio coração da produção. Que fariam estes ávidos preguiçosos? Seriam os primeiros candidatos, e os eleitos certos, porque prometeriam aos produtores exigir-lhes o minimo esforço. Eleitos, esses homens portar-se-iam como se portam hoje os eleitos da democracia politica, o que determinaria a ruina rápida de todo o grupo.»

Eis o libelo formidavel contra a utopia revolucionaria. Eis a condenação formal das conclusões a que chega o autor da «Organização Social Sindicalista», quando julga resolver o problema do Trabalho. Valois não se contenta porêr com este exame da teoria, e desce aos factos. Acompanhamo-lo ainda no seu raciocinio insofismavel, certos de que prestamos um grande serviço aos nossos camaradas bem-intencionados, que uma falsa visão das coisas sociais traz afastados da verdadeira solução do problema operario em Portugal:

c) Uma hipótese desoladora!

«Praticamente o que é pois a revolução social?

Imaginemo-la realizada. — A greve geral foi declarada e surtiu os seus effeitos. Tendo sido a greve geral acompanhada pela greve militar, o governo, o Estado, estão sem poder e por conseguinte já não existem. Não ha senão uma especie de regulador central, que hojeseria a Confederação Geral do Trabalho. Na hipótese mais favoravel, suponhamos, o que é absolutamente inadmissivel, que os rufias não tomam parte na festa, e vejamos o que se passa. O medo das violencias mantem os verdadeiros trabalhadores em casa. A rua pertence aos arruaceiros. Os burgueses fugiram, levando (notem bem isto, que é muitissimo importante) o seu oiro. O oiro desapareceu da via publica; os que o tem, escondem-no, porque subsiste da antiga economia capitalista a noção, á qual os séculos deram um valor inolvidavel, de que o oiro não perde nunca o seu valor.

Ao cabo de alguns dias, recomeçamos a vida normal (admitindo sempre o inadmissivel, isto é, a inexistencia de violencias, da pilhagem). E' então que a revolução se deve realizar. Vamos para a nossa officina, para o nosso escritorio, para a nossa repartição. As portas estão fechadas: arrombamo-las; apoderamo-nos dos meios de produção, e, ao mesmo tempo, recomeçamos a nossa vida,

Eis os nossos utensílios; estamos dispostos a retomar o trabalho sem o patrão que fugiu ou está escondido. Na fábrica, na loja, no escritório onde ontem éramos salarizados, declaramo-nos em casa nossa. Notemos bem isto ainda: os hábitos quotidianos levam-nos ao sítio onde trabalhávamos na véspera da greve geral; e os hábitos que nos ligaram aos nossos camaradas de trabalho fazem com que nos unamos entre antigos salarizados da mesma empresa para tomarmos posse dessa empresa, com exclusão de todos os outros salarizados. Por instinto, apossamo-nos do que temos. Parece-nos preferível agir assim e não acolher as decisões do sindicato. E aqui está a derradeira autoridade quase destruída. O sindicato nesse momento está reduzido à sua expressão mais simples.

Eis-nos pois prontos para trabalhar. Por hábito ainda, estamos dispostos, no primeiro dia, a fazer o que fazíamos na véspera, sob a direcção patronal. Mas isso não dura. Amanhã lembrar-nos-emos que nos julgamos precisamente muito mal colocados no lugar em que o patrão nos mantinha; é preciso pois mudar de situação; para isso convoca-se a assembleia geral dos trabalhadores. Começam então as dificuldades. Todas as rivalidades, todos os despeitos, todos os odiosinhos que a acção patronal continha, vão-se manifestar, provocar lutas e provavelmente violências. Começa-se a excluir os trabalhadores que serão classificados de falsos irmãos, para justificar a perseguição. No entanto, há uma coisa que nos detém: *a fome*. É preciso comer e, para comer, é preciso trabalhar. Ora, para trabalhar, é preciso matérias primas; por outro lado, enquanto o trabalho não rende, precisamos viver. Precisamos então adiantamentos, adiantamentos de materiais e de víveres. Durante alguns dias, poderemos viver das reservas individuais e trabalhar com o material armazenado. Mas essas reservas e esse material esgotar-se-ão rapidamente. É então que pensamos no sindicato. É a ele que nos dirigimos para obtermos os adiantamentos.

Ora, nessa mesma ocasião, todos os grupos de trabalhadores, que estão numa situação idêntica, hão-de fazer o mesmo projecto e logo a seguir a mesma diligência. Na sede do Sindicato, aglomera-se imediatamente uma enorme multidão. Admitamos que o Sindicato, realizando um esforço sobrehumano, pode atender todas as requisições que lhe são dirigidas. Vai então negociar com os outros sindicatos que possuem os materiais e alimentos que nós lhe pedimos.

Mas estes, muito provavelmente, exigirão garantias. Precisam defender os interesses dos seus membros; não querem entregar nada em troca dum bocado de papel que representa apenas uma promessa; não querem entregar o seu trabalho só com a promessa de que os reembolsarão do valor. E tem muita razão. A única garantia que poderiam aceitar é o ouro. Não ha ouro. Sei muito bem que se diz que o ouro se tornará inútil. Diz-se; ha quem acredite nisso, talvez. Mas ainda não se fez a experiência. Quando se estiver perante a necessidade de dar o seu trabalho em troca duma promessa de reembolso, ver-se-á então que nenhum argumento, nenhuma fé socialista prevalecerão contra o desejo de ver essa promessa apoiada numa garantia *em ouro*.

Encaremos pois o que essa necessidade de garantias, essa terrível necessidade de ouro vai determinar: necessariamente, o omni-poder daqueles que possuírem o ouro, porque o resguardaram da pilhagem. Chegamos assim ao triunfo dos financeiros. E de que financeiros? Evidentemente, dos financeiros que tiverem mantido relações com os revolucionários, que tiverem ligações com eles, e que terão, entre estes, homens que lhes pertençam.

Aqui está ao que levaria, e não poderia deixar de levar, a realização da Revolução social. Ao triunfo da burguesia menos escrúpulosa, dos argentários que exploram a causa dos operários e do povo para se enriquecerem. A exploração seria tremenda

da e dentro em pouco a produção cairia nas mãos de banqueiros corrompidos e corruptores que restabeleceriam a seu bel prazer o regime da mais sordida plutocracia.

Aqui está porque razão nós vemos grandes burgueses fingirem-se amigos do proletariado e subvencionarem centros, imprensa e *meneurs* furiosamente revolucionários. Parece um contra-senso. Não é. É porque a maneira desses financeiros sem escrúpulos, desses novos-ricos açambarcadores da guerra, que tem o seu dinheiro no estrangeiro, virem a dominar inteiramente neste nosso desmantelado Portugal, é deixando-se o operariado arrastar pelas hipócritas lóas cantadas pelos agentes desses exploradores e fazendo a Revolução social.

Assim como a Revolução francesa foi o triunfo da mais desmoralizada burguesia, contra a pequena burguesia, a burguesia honesta, e contra os operários, contra o povo; assim como a Revolução russa foi o triunfo dos judeus sem moralidade nem pátria contra os interesses de todas as classes do povo russo; assim também a Revolução social seria o triunfo dos aventureiros e dos argentários espertalhões contra todos os interesses honestos e são daqueles que trabalham e que aspiram pelo trabalho a uma vida melhor.

A Revolução social, considere-se por que prisma se considerar, seria o maior desastre que poderia atingir a classe operária: logicamente, porque traria uma formidável diminuição da produção, e, por conseguinte, uma miséria geral que nos faria recuar às épocas de maior fome; praticamente, porque não serviria senão para favorecer a exploração do povo em proveito dos financeiros sem escrúpulos, e porque, degenerando numa ditadura burguesa, privaria os salarizados dos organismos de classe (Sindicatos, Corporações) dos quais nós desejamos a reconstituição.

Eis porque nós abandonamos o mito revolucionário e queremos hoje ardentemente desviar dessa mentira democrática os nossos camaradas que ingenuamente persistem ainda em a servir.

d) O unico caminho

A' dupla interrogação formulada atraz, podemos portanto responder agora:

A Revolução social representa um retrocesso para a civilização, e é contrária aos interesses do proletariado.

Ora se a Revolução social é contrária aos interesses do proletariado, que caminho resta aberto aos sindicalistas que sabem hoje muito bem por experiência própria que a atmosfera republicana e democrática é mortal para a acção operária? Se a solução

revolucionária não nos pode servir, em que solução podemos confiar? Já vimos que o operariado português segue dois caminhos opostos: o revolucionário, o comunista; e o nacionalista, o monarquico. Afastada portanto a primeira solução, afastadas igualmente as soluções republicana e socialista que os trabalhadores hoje unanimemente repudiam, fica apenas a solução monárquica. Vejamos o que ela vale.

O momento não pode ser mais favorável. O movimento *corporativo sindicalista* que mesmo que o não queira, é um movimento essencialmente *tradicionalista*—porque, combatendo o individualismo propagado pela Revolução francesa, afirma a existência de corporações de ofícios e interesses de classes—tem contribuído poderosamente para afastar o operariado da república. Todos nós sabemos como o operariado se alheia completamente de manifestações, de eleições, de qualquer aproximação com o regime vigente, vergastando dia a dia, no seu órgão «A Batalha», os estadistas de ocasião que desmentem constantemente as afirmações falaciosas com que iludiram o povo nos comícios, e até a própria república. A parte os episódios que atrás citámos, basta lembrar a *chuchadeira* com que a C. G. T. recebeu os festejos oficiais aos aviadores, convidando os seus camaradas a não tomarem parte neles, e a participação dos demagogos-ateus ontem na cerimónia da Capela Real da Ajuda. Se ha hoje sindicatos que se dizem ainda republicanos, a maior parte pensa que a sorte da república em nada interessa aos trabalhadores.

Não basta porém que os nossos camaradas considerem uma mudança de regime como um acontecimento sem importância do qual se podem desinteressar. Vamos ainda mais longe: não basta que o já avultado numero de salarizados que fazem parte das *Juventudes Monarquicas Conservadoras* sejam apenas monarquicos por espirito de contradição, por reacção contra o que está, ou por discordancia com a C. G. T. Não. Isso não basta. E' preciso que uns e outros vejam no regresso do Rei um progresso para a civilização e um beneficio para a classe operaria.

Ora, o que representa o regresso da Realeza, e que valor tem a solução monárquica para os interesses do proletariado português? E' o que vamos ver no capitulo seguinte.

IV

A solução monárquica

a) O Rei do Trabalho ⁽¹⁾

Não nos preocuparemos com desfazer esse preconceito, cultivado pelos politicos republicanos e pelos pedagogos laicos de que o Rei é o chefe dos nobres. Só os homens absolutamente ignorantes de historia e do seu tempo consideram essa falsidade historica como uma verdade. Não escrevemos para esses abortos. Mas, em certos meios cultos, ainda se considera o Rei como estranho á produção e ao trabalho, vêem-no apenas como chefe do exercito e chefe da administração. Tentaremos demonstrar que esta concepção é muito incompleta e muito pouco moderna, e apresentar a personalidade real com todo o seu relevo. O Rei apresentava-se outrora como o chefe da guerra e a sua função chegou por vezes a limitar-se a isso. Comtudo considerando-o ainda nessas circunstancias, o Rei ultrapassava essa função e o seu papel interessava a produção no mais alto gráo. «Chefe da guerra» é no entanto inexato; é preferivel dizer: «Senhor da Paz». Em todas as épocas da historia, a função real tem sido interdizer a guerra a todos os homens duma nação e mantê-los numa paz que lhes permita trabalhar, dedicarem toda a sua energia á produção e ao desenvolvimento da civilização. Eis a principal função ao Rei. E' o que todos os historiadores da idade-media põem em relevo. As condições da vida moderna ampliaram aquela attribuição, e o Rei aparece hoje sobretudo, na enérgica expressão de Léon Daudet, como o *Rei do trabalho*. Os cuidados da preparação para a guerra, só por si, conduzem o monarca a preocupar-se acima de tudo com a vida economica da nação; primeiramente para que a riqueza nacional lhe possa fornecer, sem privações, grandes recursos para o exercito, e depois para que a industria, aperfeiçoando-se indefinidamente, possa determinar, pelo simples efeito dos progressos técnicos, um aperfeiçoamento incessante do material de guerra ⁽²⁾.

(1) Neste § seguimos de perto o pensamento de Georges Valois que se adapta perfeitamente a Portugal.

(2) «A vitória dos japoneses na batalha naval de Tsu-Shima foi sobretudo uma vitória do Trabalho. Se Togo triunfou foi porque cincoenta anos de organização e de progresso industrial, cincoenta anos de trabalho e de trabalho disciplinado lhe prepararam as melhores armas e um pessoal capaz de as manejar. Tsu-Shima foi uma vitória da produção japoneza.» (G. Valois.) O mesmo

Bem se pode portanto dizer que o Rei é o Rei do Trabalho e da Produção. E' sob este ponto de vista que nós podemos observar como o seu interesse está inteiramente ligado ao desenvolvimento da organização operaria. O interesse do Rei e o interesse do povo confundem-se.

Como o interesse do Rei está ligado ao interesse da Nação (porque se engrandece quando a Nação engrandece, e diminui quando a Nação diminui), o Rei, para ser ele proprio poderoso perante os outros chefes do Estado, quere a sua Nação pederosa⁽¹⁾, e porisso se encontra directamente interessado em que o povo (entenda-se: o conjunto de salarizados) se conserve são, robusto e energico, e não seja explorado pelos chefes da industria, porque, se o povo é explorado, enfraquece-se, e com ele se enfraquece a Nação. Por conseguinte, *o interesse do Rei está em que a organização operaria atinja o maior desenvolvimento, a maior força*, afim de que toda a exploração do povo possa ser impedida pela acção immediata dos interessados.

O seu interesse está igualmente em que os trabalhadores se defendam de toda a tentativa de exploração patronal pela acção directa, sem ser necessario a intervenção dos poderes publicos, lentos a decidirem-se e sobretudo mal informados. Alem disso, o Rei, a quem compete preparar as leis que interessam a todas as classes da nação, quere ser minunciosamente informado e com toda a exactidão sobre as necessidades de cada classe, e portanto directamente informado pelos representantes qualificados de cada classe. Sabe que os burgueses, ou os politicos que, em geral, como os vândios, não teem profissão conhecida, não podem de modo algum representar o povo dos trabalhadores; e então, para conhecer as necessidades da classe operaria, chama, para com eles se aconselhar os verdadeiros representantes desta classe, isto é, os delegados dos sindicatos, das corporações, dos mestres. *O Rei deve portanto não só favorecer mas provocar o desenvolvimento integral da organização operaria*, alimentando junto do proletariado o *espírito de classe*. De facto, para que as *republicas operarias* enviem junto do Rei os seus verdadeiros representantes, é necessario que elas se conservem impenetraveis a qualquer elemento estranho á classe

se poderá dizer da admiravel resistencia alemã, durante 4 anos, aos embates do mundo coligado contra ela.

(1) «E' esta a diferença profunda que existe entre o Rei e um chefe de Estado republicano ou qualquer politico republicano. O politico republicano não tem o seu interesse ligado ao da nação; pelo contrario, enquanto a nação se define devido ás lutas que ele provoca, o politico eleva-se. E' porisso que o chefe do Estado republicano, o politico republicano, são pela situação em que se encontram, os inimigos da nação, os inimigos do povo.» (G. Valois.)

operaria; é necessario portanto que os trabalhadores possuam uma rigorosa consciencia de classe que os leve a repelirem instinctivamente os politicos, os intellectuais e os burgueses ociosos, que hão-de pretender penetrar no seio deles para os explorarem.

Por aqui se vê claramente que a Monarquia reúne todas as qualidades politicas e sociais que devem assegurar á organização operaria um desenvolvimento que da republica é inutil esperar.

b) A Monarquia e a Revolução

Pondo assim em foco o facto do poder real assentar numa forte organização das classes e muito particularmente da classe operaria, não encarámos senão o interesse de conservação. Isto é, pelo sindicalismo que protege a vida operaria, o Rei conserva a *energia nacional*. Consideremos agora o interesse geral da produção, o progresso da civilização. Vamos ver que, para assegurar esse progresso, deve tambem o Rei favorecer a consolidação do movimento operario.

De facto, para que a produção atinja o maior desenvolvimento, é preciso que os industriais, como pretende o profundo pensador sindicalista Georges Sorel, tenham grandes qualidades de empreendedor, de inventor de trabalhos, e consagrem todos os esforços á descoberta de progressos tecnicos. Ora, para que os industriais se mantenham nesse papel é preciso que uma forte organização operaria mecanicamente os impeça de procurarem o aumento de beneficios explorando os salarizados, e os constranja a expandirem-se dentro da sua função de capitalistas: economia das materias primas mais vantajosa distribuição do trabalho; progresso material da empresa; procura de mercados novos para a produção.

Por conseguinte, considerando o interesse geral da produção, o Rei, com o fim de forçar a burguesia capitalista a realizar a sua função historica, colocará os industriais entre duas muralhas: dum lado, um poder central absolutamente independente dos capitalistas, prohibindo a estes a pilhagem do Estado ou o uso fraudulento da protecção dos poderes; e do outro, uma classe operaria fortemente organizada, velando activamente pelos seus direitos adquiridos e procurando unanimemente a melhoria da sua situação. Entre estas duas muralhas, a burguesia capitalista será obrigada a elevar-se pelo caminho do maior esforço industrial.

E' muito importante acentuar aqui que estas *muralhas*, para produzirem o efeito desejado, devem cingir-se a cada ramo da produção e não se estenderem a todas as classes confundidas numa organização geral. A organização de classe deve constituir-se por officios; assim os trabalhadores salarizados estão em contacto

permanente com a organização de classe burguesa do mesmo ramo da produção que eles, e podem exercer directamente a fiscalização completa e indispensável para o maior rendimento da energia capitalista. Assim se forma a *corporação*, o órgão apropriado para preservar os produtores das crises económicas.

Eis as razões que apresentamos aos nossos camaradas dos sindicatos para os convencer não só a admitirem mas a *desejarem a solução monárquica*. Foram estas razões que determinaram muitos revolucionários e anarquistas, como o autor deste opusculo, a filiar-se nas Juventudes Monárquicas Conservadoras e a defender o sindicalismo-nacionalista, o tradicionalismo-monárquico que com tão bons resultados triunfou há pouco na Itália e que está avassalando as massas operárias nesse país que nós tanto admiramos: a França. Aquelas razões satisfazem a um tempo a nossa inteligência, a nossa sensibilidade e o nosso sentimento de lealdade.

Enquanto um revolucionário que desce a servir os interesses desta ou daquela facção política, se é proletário, atraiçoa os seus camaradas porque é fatalmente obrigado a aceitar ideias desfavoráveis à sua classe, visto que a politiquice dos partidos é manejada pelos potentados burgueses; pelo contrario, um revolucionário que se acolhe à causa do Rei não renega as suas origens nem os laços que o prendem aos seus irmãos de classe. Fica na sua classe, no seu officio e pode continuar a lutar ao lado dos homens da sua corporação. Porque o Rei não é nem uma classe nem um partido. O Rei está acima das classes e não conhece partidos. *E' o arbitro soberano dos conflitos sociais*. Quando vamos até ele, se o saudamos como a viva incarnação do Interesse Nacional, do interesse da civilização, saudamo-lo também como o primeiro protector da nossa dignidade de proletários, como a única entidade capaz de garantir a organização das nossas republicas operárias uma constituição inexpugnável.

O Rei é o nosso libertador. Libertar-nos-á dos estrangeiros e dos políticos, dos burgueses ociosos e da tutela humilhante dos pedagogos. Depois de tanta decepção porque temos passado, depois da falência da esperança socialista e da queda ignominiosa da justiça com J maiusculo, é para a sua justiça que apelamos. E se a esperança que depositamos no triunfo da Realeza nos enche de entusiasmo, é porque sabemos que a justiça do Rei pisa igualmente sobre todos e será duramente imposta áqueles que querem mandar mas não querem obedecer. *O Rei de Portugal foi sempre, durante séculos, o Pae querido e amigo do povo*. Ora como nós, os proletários, somos os pilares sobre os quais se apoia a sua autoridade, essa autoridade será necessariamente empregada para manter na ordem os grandes, os reis do ouro, e os sordidos

políticos que nos enganaram e exploraram durante mais de um seculo.

A Monarquia não é portanto, como pretendem fazer ver os republicanos, inimigos do Povo, o passado, mas é o Futuro. A Monarquia é a grande promessa deste seculo, é a certeza dum progresso imenso que nos conduzirá á prosperidade pela organização mais perfeita do Trabalho que é dado ao mundo conhecer.

c) O Rei de Portugal

Se, como vimos, a doutrina monárquica é aquela que maiores garantias oferece ao desenvolvimento da produção e á organização do operariado, a Monarquia portuguesa foi sempre a fiel aliada do Trabalho, a tradicional e natural protectora dos trabalhadores, das suas garantias e das suas aspirações.

Não iremos fazer uma dissertação historica recordando a acção de D. Sancho I e de D. Dinís em prol da lavoura, de D. Pedro em constante contacto com o povo, de D. João I, rodeado pela *arraia meuda* que o aclama, de D. João II sofrendo as ambições da nobreza para garantir as liberdades invioláveis da nação sobre as quais o poder real se apoia e véla. Poderíamos citar ainda D. João III, D. Sebastião e D. João IV, reis que paternalmente viveram para o seu povo, e que o povo venerou e amou. Mas só três nomes da moderna historia iremos destacar: — D. João V, D. Pedro V e D. Manuel II.

O primeiro, que a historia sectaria e desnacionalisadora tanto tem caluniado, foi dos reis mais populares e mais admiráveis que a nossa historia aponta. Foi o verdadeiro chefe que dedicou o seu reinado ao desenvolvimento do trabalho, creando escolas de artistas, protegendo as industrias nacionais, mandando vir de fóra mestres que aperfeiçoassem os varios officios, e estando em permanente contacto com a grei, nas celebres audiencias semanais de petição, que o despótico e perverso marquês de Pombal veio mais tarde a eliminar.

D. João V foi o rei popular por excelencia, e depois dele, foi-o o desventurado e bom D. Pedro V, desvelado amigo dos trabalhadores e dos pobres, o protector incansavel das corporações de sciencia, de trabalho e de educação.

E, finalmente, fechando com chave de ouro essa série magnifica dos *pastores não mercenários*, o actual chefe do Estado, o nosso Rei D. Manuel II, que nos seus curtos meses de governo efectivo, dedicou a maior parte da sua actividade ao estudo e á execução dos trabalhos tendentes a organizar e desenvolver o operariado português, fóra de todas as mesquinhasias políticas, mas

tendo apenas em vista o desenvolvimento da Produção e o bem estar dos trabalhadores.

O Senhor D. Manuel foi o verdadeiro rei do Trabalho. O Senhor D. Manuel é para nós, operários, o nosso maior amigo e o nosso mais sincero protector. *O rei de Portugal, é, neste momento a unica garantia positiva da nossa organização e da nossa emancipação.*

Para nos convenceremos de como o chefe legítimo da nação portuguesa, sem frases campanudas nem mentirosas, dedicou o melhor do seu esforço á causa do operariado, basta recordar, em poucas palavras, o que foi esse Gabinete de Estudos Nacionais, verdadeiro conselho tecnico que funcionou no Paço, sob a presidencia do Rei e com o concurso das melhores competencias de então, e que se dedicou sobretudo ao problema do Trabalho, com uma actividade de que nos ficaram ainda os mais prometedores vestígios. A republica, atrestando os sagrados direitos do povo, nada deixou fazer. No entanto, por documentos que subsistem e por testemunhas que com El-Rei colaboraram, sabemos o que de positivo o Senhor D. Manuel chegou a fazer e quão longe ele tencionava ir.

Entre os documentos encontrados nos Paços reais, figura a cópia duma carta "muito confidencial" para o presidente do conselho de então (15-VI-909) na qual o Rei manifesta todo o seu interesse em libertar o operariado da rede de intrigas em que os caudilhos republicanos pretendiam envolvê-lo para o divorciar da nação e o levar a fazer a republica. El-Rei propunha-se a auxiliar o Congresso Operario que estava para ser levado a efeito! É a carta termina por estas judiciosas palavras: "Desta maneira vamos desviando o operariado do partido republicano e orientando-o, o que virá a ser uma força util e produtiva."

D. Manuel quiz conhecer a ideia do chefe socialista Azedo Gneco com respeito a organização operaria; o conselheiro Monteverde estava encarregado de estudar minuciosamente o assunto; e quando a revolução de 5 de outubro o surpreendeu, estava El-Rei empenhado na construção de magnificos bairros sociais que garantissem aos trabalhadores economia e bem-estar.

Compare-se esta acção de El-Rei em prol do operariado — á qual o célebre escritor francês Léon Poincard faz as mais elogiosas referencias — com o desinteresse dos estadistas republicanos depois que conseguiram subir ao puleiro. Compare-se o que seria essa obra, criteriosamente estudada, dos Bairros Sociais patrocinados pelo Paço, com os Bairros Sociais da republica que só serviram para roubar o mesmo operariado em presença de meia duzia de *bons* republicanos, e ter-se-á a prova real de como a maior garantia da organização do Trabalho e da realização das aspirações operárias é a Monarquia, é o Rei.

CONCLUSÃO

a) É necessario agir

O dilema: "Anarquia ou Monarquia", que serve de titulo a este opusculo, ficou definitivamente resolvido com a argumentação que se contem nos capitulos antecedentes; a *nuvem* que obscurece ainda o espirito de tantos operários não resistiu aos fortes embates da Inteligencia arrazando o preconceito democratico do Progresso moral da Humanidade. Quem ler imparcialmente estes "comentarios" ao folheto da C. G. T., cuja expansão "A Batalha" está agora intensificando, não pode deixar de concluir que a razão está do nosso lado.

Isto é: que a *não-existencia do Estado é uma utopia, um "impossivel"*; que, *subsistindo o Estado, a organização democratica deste é contraria aos interesses do operariado*; que a *Republica é inimiga do sindicalismo*; e que a *Monarquia não só é a natural aliada do operariado, porque o operariado representa a grande energia produtiva da Nação, mas é util á organização operaria, a favorece e a desenvolve*. Em ultima análise, chegamos á conclusão de que a *organização sindicalista só é possivel dentro da Monarquia*.

b) Oponte pelo sindicalismo monarchico!

Mas para que os nossos camaradas desiludidos de revolucionarismos estereis enfileirem connosco nesta luta que empreendemos a favor da organização sindicalista do Trabalho, não basta dizer e provar que a razão está do nosso lado. É preciso que mostremos actividade e que, como os nossos irmãos da Confederação,

estamos dispostos para a luta. É preciso tornar aquela organização uma realidade e realizar o nosso pensamento n'uma acção permanente contra os inimigos do operariado admiravelmente personificados na Republica.

Para isso urge criar *sindicatos nacionalistas* que a um tempo combatam a exploração que se está exercendo por intermedio da corrupção democratica em detrimento do proletariado, e fortaleçam a organização da Produção sob o patrocínio do maior amigo dos trabalhadores, o Rei.

Somos hoje apenas 5.000 operarios em Lisboa para empreendermos essa obra inadiavel de organização sindical? Amanhã seremos, 10.000, 20.000, 100.000; e pela provincia o nosso apelo ha-de encontrar o mais favoravel acolhimento.

O operariado está farto de mistificações; quere a realidade; e a realidade, como vimos, condu-lo fatalmente á Monarquia.

Portanto, camaradas que sois socios das Juventudes Monarquicas Conservadoras; camaradas que andais desviados de organizações operarias porque elas não correspondem áquilo que deviam ser; camaradas sindicalistas, desiludidos das loucuras do anarquismo; camaradas de todo o país que sois tradicionalistas e quereis morrer portuguezes — é criminosa toda a apatia em que vos conservades perante a exploração crescente dos falsos dirigentes do proletariado e dos ingenuos sectarios do comunismo!

Aqui fica o grito de libertação, a favor das nossas reivindicações. Vamos iniciar um grande movimento nacional operario para a organização sindicalista do Trabalho!

A'vante pelo sindicalismo monarchico!

INDICE

INTRODUÇÃO

a) Tambem somos sindicalistas!	3
b) Ao sindicalismo pela Revolução ou pelo Rei?	4

O PENSAMENTO DA C. G. T.

a) «Organização Social Sindicalista»	5
b) A «Ilusão do Progresso»	5
c) A ideia libertaria é um erro democratico	7
d) Esboço de organização social	10
e) O verdadeiro sindicalismo	11

II

O OPERARIADO PORTUGUÊS

a) Revolucionarios e monarchicos	12
b) Contra a Democracia	13
c) A persistencia dum falso preconceito	14
d) A Republica inimiga do proletariado	16

III

A «NUVEM» PERTURBADORA

a) A lição dos factos	19
b) O que seria a Revolução	21
c) Uma hipotese desoladora!	23
d) O unico caminho	25

IV

A SOLUÇÃO MONARQUICA

a) O Rei do Trabalho	27
b) A Monarquia e a Produção	29
c) O Rei de Portugal	31

CONCLUSÃO

a) É necessario agir	33
b) Avante pelo sindicalismo monarchico!	33